

Surpreendente invasão da Rússia



Heródoto Barbeiro (*)

O avanço militar surpreende o alto comando russo.

Por ignorância ou arrogância não avaliam corretamente qual potencial do inimigo tem. Nem a audácia de invadir o território russo. A história moderna mostra que os conflitos em que os russos se envolveram se desenrolaram fora das fronteiras nacionais. O armamento militar e a grande extensão territorial da Rússia são fatores que os estrategistas militares inimigos sempre avaliaram corretamente. Uma coisa é atravessar a fronteira, outra é conquistar Moscou, a sede do governo. Todos se lembram do exemplo da invasão napoleônica e como o imperador da França foi derrotado.

Além de soldados, aviões, tanques e outros aparatos militares, a Rússia conta também com o General Inverno, que se envolve na guerra, mesmo sem ser oficialmente convidado. Ele é uma "carta na manga" do poderio russo e que, pelo menos uma vez ao ano, entra no jogo para ganhar. Neve e frio são suas armas, seguidas pela dificuldade de comunicação terrestre e escassez de alimentos.

Não se pode imaginar que um país invada o território russo impunemente. A diplomacia russa sempre se destacou pela costura de tratados com outras potências europeias, o que lhe dá segurança militar. Nesses tratados, atacar um país-membro é o mesmo que atacar o conjunto dos signatários. O exemplo mais conhecido é a adesão da Rússia à Tríplice Entente, ao lado da França e da Inglaterra, para enfrentar a Tríplice Aliança, formada pela Alemanha, Áustria-Hungria e Itália. Essas alianças diplomáticas e militares caracterizam a primeira década do século 20. Já, vinte anos depois, a Rússia se vê isolada, sem aliados ocidentais e à mercê de um inimigo que bate às suas portas.

A saída é a diplomacia, concessão de vantagens ao adversário e divisão do território conquistado caso haja uma guerra. O mundo se lembra da divisão da Polônia entre nazistas e comunistas em 1939. Tratados de não agressão são letras mortas quando os

interesses geopolíticos se movimentam, e o que foi acordado ontem, não vale mais hoje. E, quando a diplomacia falha, vem a guerra.

Mais de 3 milhões e 600 mil soldados, apoiados por tanques, aviação e abastecimento atravessam a fronteira russa e partem em busca de uma rápida vitória contra o inimigo. É uma reprodução da blitzkrieg realizada com grande êxito na tomada da Polônia. Esta está dividida entre os nazistas de Adolf Hitler e os comunistas de Joseph Stálin. Entre eles, guardados nos arquivos alemães e russos, dorme cópia do tratado de não agressão entre as duas potências militares.

Desde 1939, russos e alemães têm se preparado para uma guerra, haja vista que as duas doutrinas políticas são antagônicas. Uma na extrema direita, outra na extrema esquerda. Uma capitalista, outra comunista. Os chanceleres Ribbentrop e Molotov sabem que o que prometeram não é para ser cumprido. É uma paz apenas para dar tempo dos nazistas derrotarem os ingleses e os russos acumularem material de guerra e transferir a indústria bélica para os confins do país. A resistência britânica e a necessidade de acesso a minérios estratégicos é o gatilho para a invasão-surpresa de 1941.

Está aberta uma segunda frente bélica na Europa e os militares alemães temem que se repita o erro da Primeira Guerra Mundial, quando lutaram em duas frentes e foram derrotados. Os pontões nazistas miram a cidade de Leningrado, ou Petrogrado, antiga capital do Império Czarista, Moscou a nova capital soviética e Stalingrado, um centro industrial de material bélico. Seis meses depois, o Japão, aliado da Alemanha e Itália, também de surpresa, ataca Pearl Harbour e põe a maior potência industrial na Segunda Guerra Mundial.

Segundo as autoridades soviéticas, morreram 28 milhões de russos até 1945, ano do final da guerra.

(*) - É âncora do Jornal Nova Brasil e colunista do R7, apresentou o Roda Viva na TV Cultura, Jornal da CBN e Podcast NEH. Tem livros nas áreas de Jornalismo, História, Mídia Training e Budismo www.herodoto.com.br

Google pode vir a ser dividido

A Standard Oil e a American Telephone and Telegraph (AT&T) eram grandes companhias que praticamente detinham o monopólio nas áreas de petróleo e telecomunicações nos Estados Unidos.

Vivaldo José Breternitz (*)

Preocupado com o imenso poder detido por essas empresas, o governo americano conseguiu junto à Justiça daquele país que as empresas fossem divididas, o que aconteceu em 1911 no caso da Standard Oil e em 1984 no caso da AT&T.

Agora, segundo o do New York Times e a Bloomberg News, o Departamento de Justiça dos Estados Unidos está considerando pedir a divisão do Google, empresa avaliada em cerca de US\$ 2 trilhões – o objetivo é impedir que a mesma passe a deter um poder muito grande.

Há várias opções para essa divisão, tais como forçar a venda do sistema operacional Android, do Google Ads, plataforma de publicidade online ou do navegador Chrome.

Tudo isso ocorre em um cenário em que já existe decisão judicial definindo o Google como um monopólio – a empresa planeja apelar dessa decisão e de outras ações similares em que venha a ser condenada.



Anteriormente outras Big Techs, como Meta, Amazon e Apple sofreram ações similares, que não prosperaram.

Se por um lado o gigantismo dessas empresas gera economias de escala e contribuiu para o aumento do poder dos Estados Unidos, é inegável que seu tamanho as torna perigosas para a

sociedade como um todo. Dividi-las ou não é uma "escolha de Sofia"...

(*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor da FATEC SP, consultor e diretor do Fórum Brasileiro de Internet das Coisas – vjnit@gmail.com.

O papel da segurança eletrônica como pilar das cidades inteligentes

As smart cities estão cada vez mais presentes na realidade urbana global, integrando tecnologia e conectividade a fim de gerar ambientes mais eficientes, sustentáveis e seguros. De acordo com um relatório recente da Research and Markets, o mercado de cidades inteligentes deve crescer mais de 20%, atingindo cerca de US\$ 2,51 trilhões até 2025.

Em meio a essa transformação, a segurança eletrônica emerge como um dos pilares fundamentais para o desenvolvimento e operação dessas cidades do futuro. Segundo dados da Associação Brasileira das Empresas de Sistemas Eletrônicos de Segurança (Abese), o setor de segurança eletrônica no Brasil atingiu um faturamento superior a R\$12 bilhões em 2023, refletindo a importância crescente dessas tecnologias no contexto urbano.

A segurança eletrônica vem evoluindo a passos largos, incorporando inteligência artificial (IA) e outras inovações de modo a oferecer soluções mais precisas e eficazes. Um exemplo claro é o uso de câmeras térmicas, que podem monitorar áreas extensas, detectando movimentos a distâncias de até 100 metros. Essas câmeras são especialmente úteis em locais no qual a visibilidade é limitada, como perímetros de grandes instalações industriais ou áreas urbanas com baixa iluminação.

Monitoramento no transporte e controle de acesso

A jornada de segurança em uma cidade inteligente começa desde o momento em que os cidadãos saem de casa. No transporte escolar, por exemplo, sistemas de contagem de alunos e monitoramento em tempo real garantem a proteção dos estudantes e a condução responsável dos motoristas. Câmeras com IA são capazes de detectar comportamentos de risco, como uso indevido de celulares ou sinais de cansaço do condutor, prevenindo acidentes e garantindo uma viagem mais segura.

Além disso, catracas com reconhecimento facial, por exemplo, estão se tornando padrão em muitas smart cities, permitindo a entrada apenas de pessoas autorizadas e aumentando a segurança em edifícios, escolas e áreas sensíveis. A inclusão dessas catracas com



sistemas de videomonitoramento e análise de dados permite identificar rapidamente indivíduos potencialmente perigosos, oferecendo uma camada adicional de proteção.

Outro aspecto crucial é o cercamento eletrônico, no qual câmeras capturam as placas dos veículos em circulação e enviam os dados para uma análise detalhada em um sistema centralizado. Quando uma irregularidade, como um registro de roubo ou furto, é detectada, um alerta é imediatamente acionado, mobilizando a Guarda Municipal e a Brigada Militar para que as equipes mais próximas possam intervir. Com essa tecnologia, é possível realizar um monitoramento e rastreamento de veículos furtados ou roubados em tempo real, aumentando a eficiência na recuperação desses automóveis.

Da mesma forma, o cercamento eletrônico também é uma ferramenta essencial para apoiar investigações policiais, uma vez que as informações coletadas são integradas a um banco de dados compartilhado entre diversas instituições, como a Brigada Militar, Polícia Civil, Polícia Federal, e Polícia Rodoviária Federal. Esse compartilhamento de dados fortalece a cooperação entre as forças de segurança, tornando o sistema uma peça-chave no combate ao crime urbano.

Integração de sistemas para respostas rápidas

A verdadeira força das cidades inteligentes reside na incorporação de diferentes sistemas de segurança eletrônica. Sensores inteligentes, câmeras de vigilância, controle de acesso e tecnologias de leitura de placas de veículos funcionam de forma coordenada para oferecer uma resposta rápida a qualquer situação de emergência.

Sensores de movimento, por exemplo, podem detectar atividades fora do horário permitido e alertar as autoridades competentes, enquanto câmeras com leitura de placas automáticas garantem que apenas veículos autorizados entrem em áreas restritas. Para as autoridades, significa ter à disposição ferramentas fundamentais para gerenciar o espaço urbano de forma mais eficiente, prevenindo incidentes e assegurando a proteção de todos.

À medida que as cidades se tornam mais inteligentes, a segurança eletrônica desempenha um papel central na criação de ambientes mais seguros e eficazes. Com a inserção de tecnologias avançadas como inteligência artificial, câmeras térmicas e sistemas de controle de acesso, os municípios podem oferecer proteção, além de resposta ágil e assertiva a qualquer situação de risco.

(Fonte: Severino Sanches, CEO da Agora Distribuidora).

News @TI

Joint venture vai facilitar acesso às inovações em equipamentos médico-hospitalares

Proporcionar ao mercado de saúde no Brasil maior acesso às inovações tecnológicas em equipamentos médico-hospitalares. É esse o propósito de uma joint venture recém-constituída, a 7 Import Medical, que já está em operação. Com sede em São Paulo, a corporação é formada por players consolidados em outras regiões do país. Dessa forma, além do foco no mercado paulista, a joint venture terá como ponto forte a capilaridade para atender todo o Brasil. A 7 Import Medical é composta por quatro empresas: pela Medicalway, de Curitiba (PR); pela Mhédica Service, de Belo Horizonte (MG); Prime Medical, sediada em Lauro de Freitas (BA), e pela Safe Suporte à Vida, de Recife (PE) (https://medicalway.com.br/).

Líder em soluções SAP pelo estudo ISG Provider Lens™ SAP Ecosystem 2024

A Atos Brasil foi classificada como líder no relatório ISG Provider Lens™ SAP Ecosystem 2024, que avalia e compara a capacidade de 47 provedores de serviços em SAP no país, se consolidando na liderança do estudo por mais um ano consecutivo. O levantamento fornece insights importantes para os

tomadores de decisão na contratação de serviços em SAP, revelando quais são as empresas de maior destaque no Brasil tanto em atratividade do portfólio quanto em posição de mercado, reputação e competências de negócio. O ISG Provider Lens™ está no Brasil desde 2017. Nesse período foram publicados

mais de 240 quadrantes dos principais segmentos de tecnologia, contendo análises detalhadas sobre mais de 500 fornecedores. A experiência da Atos com soluções SAP é reconhecida globalmente com o selo SAP Platinum, o mais alto grau de reconhecimento da empresa alemã.

Footer containing contact information for José Hamilton Mancuso, Laurinda Machado Lobato, and the company Jornal Empresas & Negócios Ltda.